



Reflexões metodológicas acerca da pesquisa-ação GENgiBRe: “Relação com a natureza e igualdade de gênero. Uma contribuição à teoria crítica a partir de práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil”.

Methodological reflections on the GENgiBRe action research: “Relationship with nature and gender equality. A contribution to critical theory based on feminist practices and mobilizations in agroecology in Brazil”.

CARDOSO, Roberta da Silva Leite¹; TELLES, Liliam²; CAMPOS, Alessandra Bernardes Faria³.

¹ CTA-ZM - Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, roberta@ctazm.org.br ;

² PPGER/UFV – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa; ~~CTAZM – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata~~, liliam.telles13@gmail.com;

³ PPGE/UFOP – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto; CTAZM – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, alessandra.faria@aluno.ufop.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: No presente texto apresentamos e refletimos sobre a construção e execução das metodologias utilizadas na pesquisa-ação GENgiBRe: “Relação com a natureza e igualdade de gênero. Uma contribuição à teoria crítica a partir de práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil”. A pesquisa, de caráter qualitativo, busca entender, a partir de uma perspectiva feminista, como a relação de cuidado que as mulheres têm com a natureza – relação que é construída socialmente, condicionada pela divisão sexual do trabalho – ganham um sentido político em contextos de conflitos ambientais, quando as mulheres agricultoras se engajam nas lutas em defesa de seus territórios, reforçando a bandeira de luta de que “Sem Feminismo Não Há Agroecologia”. No contexto da pesquisa ação GENgiBRe, a construção e aplicação das metodologias gerou espaços coletivos de construção do conhecimento, com forte protagonismo das agricultoras, contribuindo com a incidência política dessas sujeitas nas lutas cotidianas.”

Palavras-chave: feminismo; conflitos socioambientais; defesa dos territórios; protagonismo das mulheres; agroecologia.

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar e refletir sobre a construção e execução das metodologias utilizadas no projeto de pesquisa-ação GENgiBRe: “Relação com a natureza e igualdade de gênero. Uma contribuição à teoria crítica a partir de práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil”, coordenado pelo Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento da França (IRD), em parceria com a Sempre Viva Organização Feminista (SOF), o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira (CTA-ZM) e a Universidade Federal de Viçosa (UFV).



A pesquisa, de caráter qualitativo, visa entender, a partir de uma perspectiva feminista, como a relação complexa que as mulheres têm com a natureza, relação que também é de cuidado, construída socialmente, condicionada pela divisão sexual do trabalho, ganha um sentido político em contextos de conflitos ambientais, quando essas mulheres agricultoras se engajam nas lutas em defesa de seus territórios. A investigação vem sendo realizada no Vale do Ribeira/SP e na Zona da Mata Mineira.

Neste texto, apresentamos e refletimos sobre as metodologias construídas para esta pesquisa-ação, referenciadas pelo feminismo e pela educação popular, numa perspectiva feminista. Considerando o contexto colonial no qual estamos inseridas e sua necessária superação, como pesquisadoras-militantes e junto de mulheres do campo, buscamos construir espaços de confiança e de escuta dessas sujeitas, nos referenciando em um percurso de trabalhos com mulheres, bem como, criando instrumentos a partir das demandas específicas dessa pesquisa-ação. A partir desses pressupostos, em diálogos envolvendo mais de 20 pesquisadoras e técnicas com formações diversas, foram definidos instrumentos para perceber, de forma ampla e complexa, como os conflitos socioambientais se estabelecem no território e como é construída a resistência das mulheres. Para tal, elaboramos esta pesquisa-ação em três níveis: (1) os espaços de trabalho e vida das mulheres (nível micro), (2) os espaços de politização das agricultoras (nível meso) e (3) os espaços mais amplos de construção do território (político-econômicos).

Metodologia

Os dados e reflexões apresentadas nesse texto integram o percurso da pesquisa-ação do GENgiBRe. Nos valem de relatos de reuniões, síntese do Guia Metodológico (HILLENKAMP, org., 2022) e memórias e diálogos das pesquisadoras.

Resultados e Discussão

Para a definição da metodologia adotada na pesquisa-ação do GENgiBRe, foram realizados encontros iniciais para uma aproximação teórica, dialogando com os conhecimentos prévios das pesquisadoras em relação aos territórios. O debate teórico baseou-se em quatro grandes temas, sendo o primeiro o feminismo a partir de uma perspectiva materialista. Aqui se compreende a divisão sexual do trabalho, que separa e hierarquiza os trabalhos de produção e reprodução, como central para a construção das relações sociais de opressão entre os sexos/gêneros (HIRATA; KERGOAT, 2007). O segundo tema foi etnopedologia e etnobotânica feminista, permitindo afinar os olhares para a relação das agricultoras com a natureza, refletir em como perceber quais leituras as mulheres fazem dos ambientes. Reforçamos a importância da multidimensionalidade (HAWARD, 2003), dos critérios de manejo feitos nos agroecossistemas pelas mulheres. O terceiro tema foram as metodologias participativas agroecológicas. Baseamos o debate no Guia do Diagnóstico Rural Participativo (VERDEJO, 2003) e no Guia Metodológico das Cadernetas



Agroecológicas (CARDOSO et al, 2019). Ressaltamos que a experiência de campo e pesquisa na perspectiva agroecológica e feminista das pesquisadoras foi fundamental no aprofundamento do debate e na construção de novas possibilidades metodológicas. O quarto e último tema foi ecologia política, debatendo as formas como operam os grandes projetos de investimento (GPI), como a mineração, o avanço do uso de agrotóxicos, etc. Quais as diferenças dos impactos nas vidas das mulheres, como os GPI recriam a espacialidade dos territórios e as estratégias de resistência das comunidades (FURTADO, 2021).

A partir dessa construção coletiva foi decidido que nos espaços de trabalho e vida das agricultoras (nível 1) o principal objetivo seria entender a relação das mulheres agricultoras agroecológicas com a natureza impacta a mobilização contra lógicas opressivas, como machismo, violência de gênero, etc. Desse modo, numa escala microssocial, seria possível compreender as estratégias ainda invisibilizadas das mulheres na resistência pela agroecologia, visibilizando e fortalecendo o seu trabalho, as práticas de manejo e cuidado socioambiental, os conhecimentos sobre as plantas medicinais e outros elementos da natureza. Para construir dados sobre o tema, foi realizado o Etnomapeamento Feminista. A metodologia inicia com uma caminhada transversal no espaço de trabalho e vida das agricultoras (muitas vezes mais amplo que a propriedade), ao longo do qual se dialoga com a agricultora sobre questões referentes às formas de manejo, a percepção sobre a natureza, a organização dos espaços e cultivos, o cuidado com os animais e sobre o seu envolvimento em processos de construção do conhecimento. Este momento possibilita, tanto à agricultora quanto às pesquisadoras, a conexão com o território, tendo uma percepção mais fina sobre os diferentes ambientes.

Após a caminhada, com o apoio e orientação das pesquisadoras, a agricultora desenha o agroecossistema, composto pelos espaços de trabalho e vida das mulheres, denominado como *Mapa da Sociobiodiversidade*. Neste mapa, a agricultora desenha, delimita e nomeia os espaços, listando a diversidade produtiva.

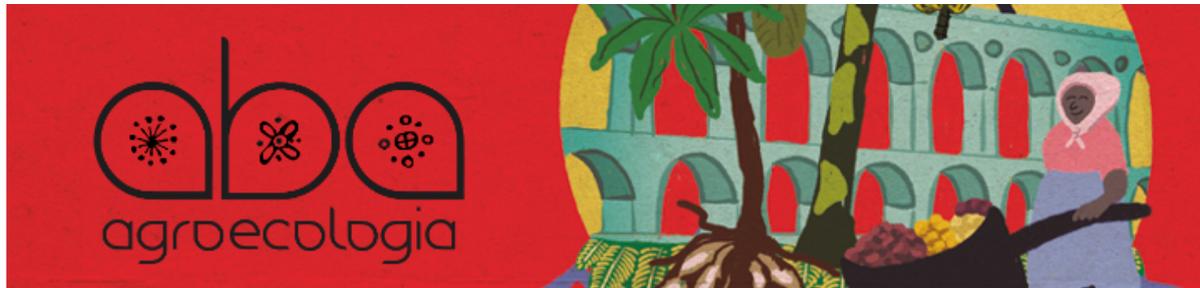
Ao final da produção do mapa é feita a qualificação dos afetos e das relações de gênero. Para os afetos são levantadas questões sobre os lugares em que as agricultoras se sentem mais e menos próximas a natureza; os espaços com maior e menor apreço, os espaços de conexão espiritual da agricultora e onde ela passa mais e menos tempo. As relações de gênero são explicitadas a partir da divisão sexual do trabalho e da autonomia de decisão em todos os subsistemas do mapa. Um dos últimos momentos da metodologia é a construção, no mapa, dos *fluxos econômicos*, divididos em quatro categorias: o autoconsumo, as relações de reciprocidade, redistribuição e mercado. Completando as informações, são aplicadas *entrevistas semiestruturadas* e *questionários socioeconômicos* com as agricultoras e com os “homens da casa”. As entrevistas aprofundam as histórias de vida e militância, a relação com a natureza, a construção do conhecimento técnico do trabalho e a organização do tempo das agricultoras e agricultores que vivem e trabalham na propriedade.



Nos espaços de politização (nível 2), são utilizadas metodologias participativas, criando espaços de protagonismo das mulheres. O intuito é refletir coletivamente sobre o papel das mulheres na construção e defesa do território, na agricultura familiar e na agroecologia. A seguir, apresentamos três metodologias utilizadas nesse nível, bem como os caminhos da pesquisa relativo ao nível 3.

Rio da Vida do Território: O Rio da Vida é uma metodologia conhecida no campo agroecológico (BIAZOTI, 2017). Para a pesquisa-ação do GENgiBRe, adaptamos tal instrumento para captar a perspectiva das mulheres sobre as ameaças e resistências do território, reconstruindo vivências coletivas e pessoais das agricultoras e relacionando-as aos problemas e respostas, com das questões socioambientais do território. No primeiro momento é feita uma reconstrução da memória das mulheres sobre o território, a partir de uma ambientação e reflexão guiada sobre os processos de organização coletiva do grupo. Após a mentalização as participantes compartilham com o grupo as lembranças que vieram durante o processo. A equipe dispõe das informações trazidas pelas mulheres em tarjetas sobre um tecido azul, organizando as informações por décadas. Durante a conversa as vivências individuais se entrelaçam com processos coletivos, sendo as mulheres instigadas a refletir e se posicionar acerca das particularidades de serem mulheres na construção das organizações do território. O Rio da Vida do território, além de uma visão histórica, permite refletir a importância da organização das mulheres na construção do território, os desafios e as estratégias construídas a partir da perspectiva do gênero feminino, histórias, em geral, invisibilizadas nas organizações, coletivos e movimentos.

Cartografia Socioambiental Feminista: Como representações do espaço, a partir de determinados lugares sociais e intencionalidades, os mapas evidenciam ou invisibilizam determinados aspectos presentes nos territórios. Em oposição à produção de representações alheias aos interesses e percepções das pessoas que habitam e produzem os territórios representados, no contexto do GENgiBRe, especificamente das mulheres, a Cartografia Socioambiental Feminista é adotada para construir um retrato do território, a partir das mulheres agricultoras envolvidas na pesquisa-ação. A opção por esta metodologia teve como objetivo evidenciar as ameaças e as diferentes formas de resistência que existem no território a partir da perspectiva das mulheres agricultoras, evidenciando questões com vistas em apoiar as mulheres a pensarem em possíveis respostas e estratégias de organização coletiva. A atividade pode ser feita a partir de uma base cartográfica do município ou partindo de uma cartolina branca, onde as agricultoras sinalizam os principais pontos de referência, os nomes das comunidades, a hidrografia, os templos religiosos, ou quaisquer informações que tenha um significado para o grupo. Após a familiarização com o instrumento do mapa, são levantadas coletivamente as ameaças e resistências, com enfoque nas questões ambientais, que fazem parte do território. Esse levantamento pode ser feito a partir de grupos, de cochicho ou direto no grande grupo. O último momento da cartografia é a reflexão, a partir da perspectiva de gênero, sobre os anúncios e denúncias, onde e como os homens e as mulheres estão envolvidos nas informações trazidas pelas participantes. Assim, é



construída uma análise de gênero, refletindo de forma coletiva porque alguns problemas socioambientais afetam mais a vida das mulheres e quais são suas estratégias de resistência. Complementando as informações trazidas pelo Rio da Vida, a cartografia é um retrato do momento atual da organização do município, permitindo uma percepção temporal e aportando em conhecimentos com sentidos políticos emancipatórios para atuação das mulheres e organizações no dia a dia da luta.

Mapa Corpo-Território: este instrumento (BANIWA et al,2023) possibilita o olhar e a refletir sobre como as ameaças e resistências, a partir dos conflitos socioambientais, são sentidos pelas agricultoras nas percepções do próprio corpo, emergindo a relação entre o corpo e o território. Este mapa permite a observação a partir dos afetos, das reações do corpo, colocando como central os sentimentos, o que o corpo diz para além da racionalidade. No primeiro momento da atividade as agricultoras são convidadas a desenharem um corpo humano em tamanho real em uma cartolina. Após o desenho é perguntado sobre as ameaças do território, onde e como elas são sentidas naquele corpo coletivo. Depois são levantados os processos de resistência das mulheres e por fim quais os sentimentos são específicos delas naquele corpo e o porquê das diferenças baseadas na perspectiva feminista.

Espaços de construção dos territórios: No terceiro nível são feitas entrevistas semiestruturadas com atores chave, como gestores públicos, lideranças de movimentos sociais, representantes de empresas e outras instituições. Também são feitas observações em espaços políticos mais amplos e que incidem sobre a construção do território delimitado para a pesquisa-ação. Além disso, é feita a pesquisa documental, visando acessar atores que não há possibilidade de realização de entrevista ou a dados secundários. As questões colocadas são: quais as principais disputas socioambientais no território, quais atores fazem parte dessa disputa; como se dão as disputas das relações de gênero na construção do território, principalmente nas questões socioambientais; quais projetos de transformação surgem na perspectiva feminista, quem são essas atrizes e quais as relações com os pontos anteriores.

Conclusões

Desvelando e evidenciando aspectos relativos às ameaças socioambientais e respostas produzidas pelas agricultoras, a abordagem metodológica do GENgiBRe vem contribuindo para a politização do cotidiano delas através do trabalho de reprodução da vida, das relações de cuidado com a terra, parentes e comunidade, as relações dos saberes sobre o manejo agroecológico. A partir da produção coletiva e feminista dessas percepções as agricultoras reconhecem e reposicionam os problemas de uma sociedade patriarcal que as violenta e explora. Os Etnomapeamentos, por exemplo, têm contribuído **para que** as agricultoras reflitam sobre o seu papel e as condições materiais do trabalho com a agroecologia, contribuindo para a qualificação dos debates em relação às demandas específicas e as políticas públicas. Outro diferencial é o levantamento de dados relacionados à



dimensão econômica das famílias, por meio dos fluxos internos e externos, permitindo compreender a relação das agriculturas com o mercado e as relações de solidariedade estabelecidas por meio de suas práticas.

Numa perspectiva popular e feminista, a aplicação do conjunto de metodologias propostas pelo projeto GENgiBRe, por uma equipe de mulheres feministas, com expertise para o trabalho com outras mulheres proporciona um processo coletivo e emancipador de construção do conhecimento, produzindo materiais e insumos acadêmicos e potencializando a incidência política das mulheres nos territórios.

Agradecimentos

À ANR-Agência Nacional da Pesquisa da França, principal financiador; às organizações envolvidas na pesquisa de campo, CTAZM e SOF; ao IRD, a UFV, a UFOP e à CAPES; às pesquisadoras e agricultoras que fizeram com que o Guia de Pesquisa e as atividades acontecessem.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Elisabeth. et al. **Guia metodológico da caderneta agroecológica**. Recife: FIDA, 2019, 38 p.

FURTADO, Fabrina Pontes; ANDRIOLLI, Carmen. **Mulheres atingidas por megaprojetos em tempos de pandemia: conflitos e resistências**. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 29, n. 1, p. 66-93, 2021.

HILLENKAMP, Isabelle et al. **Guia metodológico-Projeto GENgiBRe**. 2022.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v. 37, p. 595-609, 2007.

HOWARD, Patricia. **The major importance of minor resources: Women and plant biodiversity**. London, UK: International Institute for Environment and Development (IIED), 2003.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo: guia prático**. Centro Cultural Poveda, Proyecto Comunicación y Didáctica, 2003.

BANIWA, Braulina et al. (org.) (2023), **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência!**, Porto Alegre, Fundação Luterana de Diaconia : Conselho de Missão entre Povos Indígenas.

BIAZOTI, André; ALMEIDA, Natália; TAVARES, Patrícia. **Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico**. slj: Aba, 2017.